

# BIBLIOGRAFIA, MÚSICA E ARTES PLÁSTICAS

EXPOSIÇÕES, CONCERTOS E CONFERÊNCIAS

## HISTÓRIA E FILOLOGIA

ACHILLE SEGARD: *ANGO DE DIEPPE* — (*Collection des Clochers de France*). N.º 7. — Paris, 1925.

O *Mercure de France* do mês de Maio dá notícia da obra acima, que é um folheto de 57 páginas, onde se exaltam os feitos dos marítimos normandos, e a pessoa do arrojado e opulento armador, orgulho de Dieppe, sua pátria. Ango é figura conhecida de quantos estudam a história portuguesa do reinado de D. João III, pelas controvérsias a que deram lugar as depredações de seus navios, e consequentes negociações entre as côrtes de Paris e Lisboa. Desde Frei Luís de Sousa, nos apontamentos para os seus *Anais*, até os srs. Malheiro Dias e António Baião na *História da colonização do Brasil*, muitos são os escritores que em Portugal e no Brasil têm versado a matéria.

O fundamento da contenda veio das tentativas dos franceses por negociarem e se estabelecerem no Brasil. Não só os capitães de João Ango, também outros, oriundos de Dieppe ou não, percorreram a costa, trataram com os selvagens, assentaram colónias efémeras, e trouxeram à Europa as produções do país.

Conta-nos o autor que a expedição de Cristóvão Jaques em 1516 (aliás 1526), mandada para expulsar os intrusos — «pilhou, queimou, saqueou e chegou mesmo a entregar alguns infelizes normandos e bretões aos antropófagos indígenas» —, (pág. 25). O crítico do *Mercure* completa, dizendo que os franceses foram comidos pelos selvagens. Sem dúvida estava isso no pensamento do autor, mas não o declarou. A ver-

## LVSITANIA

dade é que os documentos relativos ao caso, reclamação do rei de França a D. João III, e queixas dos bretões interessados na aventura, não fazem menção de tal. Diz a carta de Francisco I que alguns dos seus súbditos, vendo o perigo de se afundarem os navios pelo ataque dos nossos — « saíram a terra e se meteram nas mãos dos selvagens ». (Documento da Torre do Tombo, publicado na *Hist. da colonização do Brasil*, T. 3.º, cap. 2.º). E articula mais que, tendo-se rendido os que ficaram a bordo, foram parte dêles enforcados, outros mortos a tiros e sêtidas, com várias barbaridades. O documento anexo, não publicado, que é o rol das queixas dos negociantes bretões, diz sòmente que os portugueses — « fizeram morrer por diversos tormentos, crueldades e inumanidades » — a alguns dos rendidos. Em todo o caso não seriam êstes em grande número, pois que cêrca de trezentos prisioneiros, colhidos na ocasião, trouxe Cristóvão Jaques para o Reino. Á vista disto não merecerá mais crédito a notícia de que adiante, em 1531, entregou Pero Lopes de Sousa dois franceses, de uns vinte aprisionados, aos selvagens, para que os devorassem (pág. 21). O capitão da armada era Martim Afonso de Sousa, e êsse, que mandou enforcar o pilôto Pero Serpa, por andar ao serviço dos franceses, com mais razão largaria aos canibais o patricio traidor.

O sr. Segard possui um método seu de tratar a história. Em seguida ao caso de Cristóvão Jaques afirma que, em consequência de tais massacres, a hostilidade entre normandos e portugueses se complicou por ciladas contínuas. Para justificação aduz um exemplo: o assalto de João Fleury, piloto que fôra de João Ango, a uns navios espanhóis, que conduziram da América as riquezas enviadas por Fernão Cortez (pág. 25). Que relação possa ter isso com a inimidade aos portugueses escapa-lhe mencionar.

Em outro passo diz que em história, do mesmo modo que na pintura — preceito de Ingres — se não deve confundir a exactidão com a verdade. Contar a vida de um homem qual Ango, cingindo-se a factos e datas, é trair a missão do historiador. Sabe-se que D. João III, tendo aviso de serem concedidas a Ango cartas de marca contra os portugueses, mandou a França emissários, a negociarem com êle a renúncia, o que por avultada soma conseguiram. De aí o dizer-se lá que tinham vindo embarcações de Dieppe a Lisboa, bloquear o pôrto, as quais retiraram sòmente quando o rei, capitulando, pagou forte indemnização. Permaneceu o caso na tradição oral, mas desapareceu há muito da história. O sr. Segard não pretende restabelecê-lo; todavia é parecer seu que às vezes o falaz da lenda encerra uma verdade mais geral e mais profunda

## BIBLIOGRAFIA

que a precisão dos factos.— «Deixemos aos eruditos de coração sêco — diz êle — a triste satisfação de reduzirem ao exacto o episódio mais característico da vida do grande armador, e punhamo-nos deliberadamente da banda de lenda. É bom e justo dizer: Anjo, burguês de Dieppe, foi vencedor do rei de Portugal» — (pág. 34).

Com igual conceito da história, refere o sr. Segard que dois diepen- ses porfiam pela honra de haverem descoberto o Amazonas: João Cousin, navegador famoso, que já antes, em 1401, tinha passado o Cabo das Agulhas, alcançando as Grandes Índias, de onde voltou carregado de riquezas; e Francisco Pinzon, marinheiro de Dieppe que, desterrado da pátria por maus procedimentos, foi a Génova dar informações a Cristóvão Colombo, e com êle partiu, comandante de um dos barcos da expedição ao Novo Mundo.

Por mais indiferente que seja ao autor a realidade dos acontecimentos, podemos dizer que aqui êle se excedeu a si próprio, e baralhou mais que o permitido factos, nomes e datas. Talvez menos de propósito que por desfalecimento de memória. Êste João Cousin, que precedeu a portugueses e castelhanos nas viagens aventurezas, foi apresentado aos geógrafos, no congresso de Americanistas, em 1877, no Luxemburgo, por Paulo Gaffarel, na memória intitulada — *Descobrimto do Brasil pelos franceses*. Segundo êste escritor, especialista de estudos sôbre a América, o navegador achou-se em 1488 na foz do Amazonas. A fonte de Gaffarel tinham sido as *Memórias cronológicas para a história da navegação francesa*, de um tal Desmarquets, publicadas em 1785. Por seu turno o historiador referia-se a documentos dos arquivos de Dieppe; mas succedeu que arquivos e documentos desapareceram no incêndio da cidade, em 1694, quando os ingleses a bombardearam. De sorte que havemos de aceitar por fiador único dos sucessos a palavra de Desmarquets, como fêz Gaffarel, e a tal nos não achamos obrigados oês que não somos de Dieppe.

Outras razões ainda autorizam ao scepticismo. Dos mesmos arquivos constava ter acompanhado a Cousin na viagem um marinheiro espanhol, expulso ao chegar a França. Era êste o Alonso Pinzon, companheiro de Colombo; e foi êle o que, segundo a tradição local, animou o genovês nas horas de desfalecimento, e, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos, lhe apontou o caminho. Assim em Desmarquets. O sr. Segard muda o nome e a naturalidade ao espanhol, e fá-lo viajar separadamente de Cousin, por lhe não ser fácil conciliar a data de 1401, da suposta jornada ao Oriente, com a de 1492, do descobrimento de Colombo.

Depois disto ; em que conta podemos ter a notícia sôbre franceses da-

## LUSITANIA

dos a comer aos selvagens, que o autor do *Ango de Dieppe* enuncia, e o colaborador do *Mercure* com prazer malicioso sublinha?

Da imaginária viagem de João Cousin à Índia não cabe tratar aqui.

A fábula foi há muitos anos destruída por António Ennes, em um artigo do jornal *O Pais*, onde mofa das emprêsas e do navegador que — diz êle — «tinha percorrido boa parte do caminho da Índia antes de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, navegado no Amazonas antes de Pinzon, tocado no Brasil antes de Cabral, e, em suma, encontrado a América antes de Colombo».

J. LUCIO D'AZEVEDO

C. WESSELS: *EARLY JESUIT TRAVELLERS IN CENTRAL ASIA*, The HAGUE, MARTINUS NIJHOFF, 1924.

**S**UBORDINADO ao título *Early Jesuit Travellers in Central Asia*, publicou há pouco na Holanda o Sr. C. Wessels um livro notável, que muito interessa à história da acção missionária portuguesa na Índia, por tratar de verdadeiras viagens de exploração que os nossos missionários jesuitas, com aquela fé cristã que tanto os caracterizava, efectuaram no interior da Ásia, através das maiores dificuldades.

Efectivamente, causa admiração como desde o princípio do século XVII, êsses pioneiros religiosos realizavam as suas viagens em regiões onde tantos exploradores modernos têm fracassado, não obstante rodearem-se das possíveis comodidades de viagem que a indústria tem imaginado.

Se nós admiramos as explorações dos antigos missionários portugueses na Abissinia e em outros pontos da África Oriental, e do interior de Angola e Congo, ;o que diremos dêsses exploradores da Ásia, o primeiro dos quais, Bento de Góis, efectuou a mais emocionante viagem de Agra a Sutchewo, na fronteira da China, na idea de abrir caminho por terra até ao Cathay!

É por esta viagem que começa o livro do Sr. Wessels, que temos presente.

Pôde êste autor compulsar os arquivos da Companhia de Jesus, em Roma, onde encontrou um farto repositório da obra missionária portuguesa. Leva o Sr. Wessels o seu escrúpulo em reproduzir nos Apêndices, da sua notável obra, as cartas de alguns dêsses viajantes, em que êles singelamente relatavam, cheios de fé, todos os accidentes das suas viagens